



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

RESTAURAÇÃO DE MAPAS DO BRASIL COLONIAL E O ENSINO DAS ROTAS AURÍFERAS E C

GEORGE LEONARDO SEABRA COELHO

EIXO: 19. EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir a importância da restauração digital de documento: pesquisa e ensino de História. Em um primeiro momento, apresentaremos a restauração realiza século XVIII através da ferramenta digital *Photoshop* e, como esse recurso pode deixar esses docu acessíveis para a pesquisa, tanto no âmbito da disciplina de História acadêmica, quanto no âm História escolar. Em um segundo momento, demonstraremos como a leitura de mapas é importan rotas auríferas do Império português em Goiás. De modo geral, o assunto tratado neste artigo abordagens heurísticas que possibilitam a discussão sobre as práticas e métodos que caracte pesquisa e produção da História, assim como, de seu ensino. **Palavras-chave:** cartografia, históri: El propósito de este artículo es discutir la importancia de la restauración digital de documentos investigación y enseñanza de la historia. En un primer momento, se presenta la restauración llevad del siglo XVIII a través de la herramienta digital *Photoshop*, ya que esta característica pue documentos cartográficos accesibles para la investigación, tanto dentro de la disciplina de la histc en la disciplina de historia de la escuela. En un segundo paso, vamos a demostrar cómo leer mapa el estudio de las rutas de oro del Imperio portugués en Goiás. En general, el contenido de este incluir nuevos enfoques heurísticos que permiten la discusión de las prácticas y métodos que caract la investigación y la producción de la historia, así como su enseñanza.

Palabras clave: cartografía, historia, educación.

APRESENTAÇÃO Discutiremos nesse artigo a importância da restauração digital de documento: pesquisa e ensino de História. Apresentaremos a possibilidade de restauração de mapas através *Photoshop* e, demonstraremos como esse recurso pode deixar esses documentos acessíveis para

âmbito da disciplina de História acadêmica, quanto no âmbito da disciplina da História escolar. Noss discutir como a leitura de mapas é importante para o estudo das rotas auríferas no Brasil colo buscaremos incluir novas abordagens heurísticas que possibilitam a discussão sobre as prát caracterizam os campos de pesquisa e ensino de História. No que concerne às fontes histór pesquisa, traremos as contribuições de Marc Bloch (2002), uma vez que esse historiador considera documento isolado é importante que o pesquisador considere fontes numerosas e variadas para dos tempos. Os documentos utilizados neste artigo não serão entendidos como fontes inoculadas e verdade, mas como afirma o historiador, elas serão entendidas como vestígios do passado que para oferecer informações que não tencionam fornecer. Seguindo essa linha, Carla B. Pinsky (20 currículos escolares e o próprio trabalho em sala de aula têm procurado utilizar diversas font História. Segundo a autora, também tornou-se comum a abordagem de novos temas e a releitura “temas clássicos”. Dentre os novos temas, podemos considerar que a História Regional na sala provocar a identificação do aluno com a História, assim como, abrir os olhos dos estudantes p maior na comunidade. E é inspirado nessas duas propostas – a utilização de fontes históricas no e da História Regional – é que esse artigo pretende discutir a restauração digital de mapas e o es comerciais no período colonial da região goiana. A partir do momento que o professor entra e abordagem, o professor pode melhorar seu desempenho profissional e tornar as aulas bem mai proveitosas para os alunos. Não queremos dizer que ele deva cair no enganoso dilema de que bast Tecnologias para que as aulas sejam mais dinâmicas. A esse respeito, concordamos com Leanc afirmar que não adianta utilizar novos meios e tecnologias para a renovação do ensino de Histór que o que deve ser repensado é a concepção de História. No que concerne a renovação do ensi (2009) também destaca que não é nada fácil o rompimento com as formas tradicionais de tra escolares. Para a autora, uma das formas de romper com a tradicionalidade é a abordagem da educacional. Seguindo o mesmo raciocínio, José A. de Freitas Neto (2010) considera que essa é u praticadas por professores, onde a partir de uma proposta temática comum, “professores de dua afins trabalham por um determinado período [...] no tema indicado, levando as contribuições e es disciplinas para o que está sendo tratado” (NETO, 2010, p. 60). Os autores destacam que a orga disciplina escolar de História oferece algumas possibilidades, como, por exemplo, a utilização dos Essa é a terceira questão que sustenta nossa argumentação neste artigo, ou seja, a interdisciplinar interdisciplinaridade torna-se interessante para nossa argumentação, pois a utilização de mapas i conta com a colaboração de professores de Geografia. Como perceberemos ao longo deste texto, i históricas no ensino, a temática da História Regional, a importância de restauração digital de interdisciplinaridade podem contribuir com ensino mais significativo de História. Em um apresentaremos o recurso utilizado para a restauração digital de mapas coloniais. Na sequência c Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de História abordam a utilização de mapas e a educacional. E por último, como podem ser pensados os usos didáticos de mapas cartográficos rest

no ensino de História do Brasil. **APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS PARCIAIS** *A restauração de mapas coloniais* Os mapas que passaram por restauração digital foram cedidos pelo Departamento de História da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os mapas restaurados fazem parte de um conjunto de três mapas que a historiadora Emérita Gilka Vasconcelos Ferreira de Salles adquiriu através de doação do Ministério das Relações Exteriores em 1970. Essa coleção de mapas retratam as rotas comerciais e auríferas da Província de Goiás no século XVIII e XIX. Após a digitalização realizada pelo autor deste artigo, os mapas originais foram devolvidos para o Departamento de História e os restaurados digitalmente estão em processo de finalização e, também, serão disponibilizados para a documentação da referida Universidade e serão compartilhados digitalmente. A restauração desses mapas foi realizada através do *software* chamado *Photoshop*. O *Photoshop* é um aplicativo criado pela *Adobe Systems*, uma empresa de publicidade, onde permite que o usuário utilize várias ferramentas para editar imagens. De acordo com Gentil Porto Filho[1], as técnicas aplicadas manualmente por Man Ray[2] na manipulação de fotos tornaram-se disponíveis nos dias atuais em formato digital no *software Adobe Photoshop*, mostrando a influência no desenvolvimento desse *software*. Os autores lembram que a História do *Photoshop* começa em 1971 com a criação de John e Thomas Knoll, fãs de fotografia, os quais criaram um *software* voltado para realização de retoques em imagens digitalizadas através de *scanner*. Com o passar dos anos, através de novas versões, o programa passou por diversas atualizações e a adição de recursos de *design* e composição de imagens. Mas, de acordo com os autores, o grande marco para sua popularização aconteceu na sua versão 3.0 produzido no final da década de 1990. Com o advento das imagens de camadas, o *software* se consolidou como ferramenta de composição de imagens (fotomontagem). As camadas permitem que o profissional de edição de imagens construa uma imagem utilizando fragmentos de outras imagens. Utilizando-se do recurso de camadas, somado a outras ferramentas de edição – como sobreposição, recortes – é possível obter-se digitalmente imagens similares as produções de Man Ray. Os autores utilizaremos esse *software* para a restauração de documentos históricos – mapas cartográficos –, com a possibilidade de publicização dessas fontes e a sua utilização como recurso didático. Segundo Marilene de Moraes, as primeiras representações cartográficas do Brasil aparecem no planisfério de Juan de la Cosa, de 1498, que mostra a Costa Norte até as proximidades da Ponta do Mucuripe (Ceará). O Brasil foi também representado em mapas portugueses e italianos, como, por exemplo, o planisfério de Waldseemüller de 1507. Ainda do século XVI existem outras cartas importantes que mostram o Brasil entre as costas do Rio Grande do Norte e do Rio de Janeiro. Com a autora, a cartografia e a iconografia são vastíssimas neste período, devido à vinda de artistas holandeses (Willem Blaeuw, Eckhout), cientistas (Willhelm Piso e Georg Marcgrave) cartógrafos e engenheiros (Pierre Bouguer, Willem Bastiaanszoon Golijath, Hendrik van Berchem, Tobias Commersteijn, Pieter van Bueren, Sicke de Groot, David Drewisch, David van Orliens,) e arquiteto (Pieter Post), que acompanharam Maurício de Nassau (Maurício de Nassau-Siegen) no Brasil. No final do XVII e na primeira metade do XVIII, surgiu na Região Sudeste o movimento bandeirante. Neste contexto surgiram as cartas sertanistas, consideradas como esboços traçados sobre papel de qualidade inferior, sem ornamentos, quase sempre esquematizados, e referentes à delimitação de territórios ou regiões economicamente valorizadas. Os mapas restaurados digitalmente são datacódigos que apresentam as rotas comerciais partindo de São Paulo, passando por Vila Boa de Goiás, Cu

Para destacar a utilização desse recurso de restauração digital[4], podemos adotar a concepção de reprodutividade visual desenvolvida por Walter Benjamin (1955). Para tanto, interessa-nos interrogar os procedimentos e interações a técnica pode modificar o olhar e afirmar novos valores frente à irreprodutibilidade ser usual na arte, a técnica de reprodução e restauração digital é uma novidade nos modos de ver e apreender o artístico. Segundo o autor, o século XX se conforma como a era da reprodução, ocorre uma mudança não apenas tecnológica, mas uma mudança na forma de perceber e expressar o autor, a obra de arte – em nosso caso os mapas – sempre foi reproduzível, mas sua reprodução tornou-se mais fácil e barata. Para o autor, no início do século XX, a reprodução atingiu um nível tal que conquistou o seu espaço em procedimentos artísticos e publicitários. Podemos considerar que nos últimos vinte anos, a técnica somada à digitalização e manipulação das imagens alcançam níveis diversos de representação. Martin (2007), restaurar no presente as obras do passado e, ao mesmo tempo, intervir no futuro da obra de arte é de suma importância. No entanto, a autora destaca exemplos de equívocos no tratamento para painéis de azulejos ou pintura decorativa. Desta constatação, surge outra preocupação, uma vez que o patrimônio cultural é necessária para permitir a efetiva transmissão da cultura entre gerações. Face aos equívocos provocados pela má restauração e a necessidade de manutenção do patrimônio material entre as gerações, a autora destaca o grande desenvolvimento que tem experimentado as tecnologias da informação e lembra que existe uma variedade de ferramentas que

simplificam o procedimento de conservação e arquivo da documentação digital, a transferência dos documentos originais, referentes ao objeto de foco, com as possibilidades que oferece para fazer sua consulta simultânea de um ponto de vista por vários usuários, e sua difusão através das redes de informação (MARTIN, 2007). Seguindo o raciocínio da autora, concordamos com sua consideração de que a recuperação digital das artes gráficas é tão importante como a recuperação das mesmas. A autora considera que ambas representam a valorização do conteúdo material, o seja, “o critério técnico não deve limitar-se, só a recuperar a imagem que ainda tem o suporte original ou que recreia na contemplação ao observar a obra (p. 118). No caso da restauração digital dos mapas, o mapa original não se reproduz pelo *scanner* e daí surge outra imagem em outro suporte: a linguagem da reprodução técnica digital do mapa, podemos reconhecer que essa imagem é acessível a um grande público por meio dos suportes visuais digitais. Sobre essa questão, Benjamin (1955) considera que esse recurso pode libertar o objeto reproduzido do domínio do original, multiplicar o reproduzido, assim como, desloca a arte da ocorrência única para a ocorrência em massa. A técnica de reprodução permite à arte ir ao encontro do público e atualiza o reproduzido em cada uma das suas situações. Por essa razão, o objeto de arte reproduzida se afasta da sua função do ritual (culto) e é transformada em comunicação de massa (BENJAMIM, 1955). E seguindo esse raciocínio

restauração digital de documentos históricos pode romper com a função rito histórico adquire frente a historiografia tradicional, pois ele torna-se público pelo professor, quanto pelo aluno. O documento histórico sendo reproduzido pode adquirir outras funções, dentre elas, o uso didático no ensino de História e educação histórica. *Usos didáticos de mapas cartográficos no ensino de História* Bittencourt (2009, p. 327), muitos professores que utilizam os documentos como instrumento pedagógico acreditam que ele é um recurso “eficiente e insubstituível, pois o contato com o ‘real’, com as situações concretas de um passado abstrato”. O uso de documentos favorece a “introdução do aluno no pensamento histórico, a imitação dos métodos de trabalho do historiador” (BITTENCOURT, 2009). No entanto, os documentos históricos no ensino de História serão equivocados caso se pretenda que o aluno seja um “pequeno historiador”. O professor precisa ter cuidado ao transformar em materiais didáticos, pois a utilização das fontes históricas em sala de aula é diferente da do historiador profissional. Para a autora, a escolha de documentos depende do nível e das condições de escolarização dos alunos. Desta forma, um documento pode ser usado simplesmente como ilustração, para servir de reforço de uma ideia expressa na aula pelo professor ou pelo texto do livro, ou como fonte de informação [...] reforçando a ação de determinado sujeito [...] para introduzir o tema de estudo (BITTENCOURT, 2009, p. 330). A escolha de documentos sejam atrativos e não oponham obstáculos para ser compreendido é primordial. O professor deve calcular o tempo pedagógico das aulas, da mesma forma, levando em consideração a idade dos alunos. As fontes históricas como recurso didático deve favorecer os alunos de maneira prazerosa e inteligível, pois a “má seleção [...] com documentos iniciais propostos no plano de aula, ao passo que sua complexidade e extensão geram rejeição pelo tema ou pelo próprio tipo de material” (BITTENCOURT, 2009, p. 330). O professor deve tratá-los como registros e marcas do passado, pois os alunos devem perceber que eles são diversos e podem ser encontrados por todos. Antes de utilizá-lo em sala de aula deve saber como o documento é utilizado pelo historiador, para em seguida, poder apropriar-se do procedimento de análise. Para o uso de fontes históricas é o cuidado para com suas diferentes linguagens. Os documentos devem ser analisados de acordo com suas características de linguagem e especificidade. Segundo a autora, existem três recursos didáticos que são separados em documentos: escritos, materiais (objetos de arte ou do cotidiano, construções arquitetônicas), e audiovisuais (imagens fixas ou em movimento, gráficas, musicais). No que diz respeito ao uso de documentos históricos em sala de aula, o professor deve levar em consideração a diferença entre os métodos do historiador e os pedagógicos. Assim como, elaborar estratégias

às especificidades de cada tipo de documento, pois as práticas pedagógicas valem as especificidades das linguagens. Nesse artigo, optamos por discutir a relação entre mapas e sua utilização como recurso didático no ensino de História. De acordo com o ensino de História no terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental, a aproximação com as demais Ciências Humanas conduziu aos estudos de povos de todos os tempos e aproximações também orientaram os estudos sobre a diversidade de viver e agir como, estimulou a preocupação com as diferentes linguagens. Frente a essa investigação histórica passou a considerar a importância da utilização de fontes documentais e da distinção entre a realidade e a representação da realidade por gravuras, desenhos, gráficos, mapas, pinturas, esculturas, fotografias, filmes e textos escritos. Os documentos, segundo o PCN, passaram a ser tudo o que é registrado por meio de sons, gestos, imagens ou que deixou indícios de modos de fazer, costumes dos homens, como por exemplo, as músicas, as gravuras, os mapas. Ser História afirma que é tarefa do professor criar situações de ensino para os alunos, estabelecer relações entre o presente e o passado, o particular e o geral, as ações individuais e os interesses específicos de grupos e as articulações sociais. Além da utilização de fontes em ambientes de ensino, esse documento institucional também aponta que “pesquisa, a coleta de informação e o trabalho com conceitos são mais instigantes para os alunos quando fundamentam a construção de uma ou mais hipóteses em questionamentos realizados no início da atividade” (BRASIL, 1998, p. 83). Para despertar do interesse dos alunos, essa orientação do Ministério da Educação recomenda que diversas obras humanas produzidas nos mais diferentes contextos sociais e em locais variados podem ser utilizados no ensino. Diante a variedade de fontes que podem ser utilizadas em situações didáticas, o PCN destaca o uso dos mapas. O PCN também aponta que procedimentos de pesquisa escolar favorecem a ampliação do conhecimento e o desenvolvimento das atitudes de autonomia dos estudantes. Seguindo essa recomendação é que a utilização de coleções de mapas pode contribuir para o desenvolvimento dos alunos, a compreensão dos percursos dos homens que viveram em determinado território, a aproximação das vivências ocorridas no território. Além dessas possibilidades o documento apresenta algumas sugestões de metodologias de trabalho que podem ser utilizadas pelo professor. Com a utilização dos mapas, o professor pode abordar várias épocas, o território, a análise da transformação da paisagem e da ocupação humana. Com o uso de uma coleção de mapas, concordamos com o PCN, pois o aluno pode compreender o território, familiarizar-se e desenvolver domínios linguísticos; identificar ideias [...] pela complementaridade entre elas; trocar e socializar opiniões e informações;

observar e identificar informações [e] objetos e paisagens (BRASIL, 1998, p. Sendo a possibilidade de estudos históricos realizados com mapas que rept território, Marcos L. Martins (2010, p. 142) lembra que as novas geraç brasileiros vêm desenvolvendo o apreço pelas conexões intrincadas e oblíqua local e o nacional. Para o autor, a História Regional é “aquela que toma o esp estudo, que enxerga as dinâmicas históricas no espaço e através do (historiador a lidar com os processos de diferenciação de área”. Essa abordaç descobrir novos problemas, uma vez que, para Circe Bittencourt (2009, p. nacional ressalta as semelhanças, enquanto a História Regional trata (multiplicidade no território. Concordamos com a autora ao afirmar que proporciona, na “dimensão do estudo do singular, um aprofundamento do c história nacional, ao estabelecer relações entre as situações históricas diver Nação”. Além da importância deste estudo para a produção do conhecime movimento regional, acreditamos que o ensino através dos mapas po renovação do ensino de História na Educação Básica. No que se refere a sabemos que ela é uma técnica peculiar dos Geógrafos. De acordo com (2005), cartografar é, antes de tudo, mapear um território e explorar a natureza, percorrendo espaços e nele id recortes do território dotados de sentido, aos quais se nomeia, precisando descobrindo paisagens – estas frações do espaço, organizados pela estética é, pois, uma atividade simbólica de representação do mundo (PESAVENT analisar o mapa junto com seus alunos, o professor pode refletir sobre c coloniais mapearam o território. Neste processo, criaram representações s exemplo, os rios, serras, aldeamentos indígenas e de mineração, vilas, arrecadação. Fazendo isso, o professor pode discutir com os alunos os noi permaneceram, os que foram trocados, pois o cartógrafo colonial significava por onde passavam. O professor de História juntamente com o prof trabalhando em uma abordagem interdisciplinar pode discutir como os representaram simbolicamente frações do espaço. Além das questões de rept os professores podem refletir junto com os alunos a transformação das pelos cartógrafos coloniais, pois a técnica também é construída at Consideramos que o uso de mapas restaurados digitalmente e a adoção poderá estimular e fortalecer a consciência histórica dos indivíduos, podem concepção de Luis F. Cerri (2011). Esse historiador brasileiro considera a como “uma das estruturas do pensamento humano, o qual coloca em movi

identidade coletiva e pessoal, a memória e a imperiosidade de agir no "inserido" (CERRI, 2011, P. 13). Ao considerar os mapas como representação do território, a natureza e o outro, a utilização dos mapas pode despertar o interesse. A utilização didática dos mapas nas aulas de História podem levar os alunos a conhecerem os sujeitos de outras épocas representavam o espaço goiano colonial, as minas auríferas, os povoados, os agrupamentos indígenas e os conflitos entre os indígenas e os portugueses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Como foi visto ao longo deste artigo, a técnica de restauração de documentos históricos pode contribuir com a preservação do patrimônio histórico e promover a publicização de fontes históricas para a utilização de pesquisadores do campo da História. Aí cabe certa responsabilidade por parte do restaurador em garantir a credibilidade ao documento original e o respeito com os registros históricos do passado. Uma última constatação referente a restauração é o interesse em divulgar os resultados para o público interessado; pesquisadores e professores. A restauração, o professor está amparado pelas legislações e pareceres que tratam de outras fontes no ensino de História. Mesmo com a possibilidade de utilizar fontes históricas no ensino estarem delimitadas em documentos institucionais do Ministério da Educação o professor de História deve dominar as técnicas de análise e crítica de fontes. Como tratado neste artigo, o professor de História pode contar com a colaboração da Geografia e, assim poderá aproximar de um trabalho interdisciplinar no ensino de História juntamente com a restauração de mapas coloniais e o estudo das rotas comerciais. Assim como, no uso didático desse documento histórico no ensino de História a interdisciplinaridade educacional, consideramos que a utilização dessas fontes pode abrir possibilidade de estudo da História Regional. Nesse sentido, o professor pode utilizar diferentes formas de trabalhar a educação histórica através da proposta de restauração.

Disponível em:

<[http://](http://www.ideafixa.com)

www.ideafixa.com/wp-content/uploads/2008/10/texto_wbenjamim_a_arte_na_era_da_reproducao>

Acesso em: 26/04/2015 BITTENCOURT, Circe M. F. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009. 408p. BLOCH, Marc. Apologia da História ou o ofício do historiador. São Paulo: Zahar, 2002. 122p. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: História / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 2000. 128p. CERRI, Luis Fernando. Ensino de história e consciência histórica. Rio de Janeiro: Faperj, 2011. 138p. FARIA, Maria Dulce de. A Representação Cartográfica no Brasil Colonial. São Paulo: Fapesp, 2001. 138p.

na Coleção da Biblioteca Nacional.

Disponível em:

<[http://](http://bndigital.bn.br/projetos/cartografia/cart_colonial.htm)

bndigital.bn.br

[/projetos/cartografia/cart_colonial.htm](http://bndigital.bn.br/projetos/cartografia/cart_colonial.htm)

|

>

Acessado em: 30/06/2016. KARNAL, Leandro. Introdução. In. KARNAL, Leandro. História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2010. p. 57-74. Adriana Mônica. Restauração digital dos desenhos gráficos no claustro de São Francisco, Salvador, Bahia. Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação, No.3, pp. 118 – 121.

Disponível em:

< [http://](http://www.restaurabr.org/siterestaurabr/volumesarc/arc03pdf/10_AdrianaMonicaMartin)

[www.](http://www.restaurabr.org)

[restaurabr.org/siterestaurabr/volumesarc/arc03pdf/10_AdrianaMonicaMartin.](http://www.restaurabr.org/siterestaurabr/volumesarc/arc03pdf/10_AdrianaMonicaMartin)

>

Acessado em 30/06/2016. MARTINS, Marcos Lobato. História Regional. São Paulo: Contexto, 2010. p. 7-12. Bassanezi. Novos temas nas aulas de História. São Paulo: Contexto, 2010. p. 7-12. Marcelo; PORTO FILHO, Gentil. Edição digital de imagens: a influência de Mar

Disponível em:

< [http://](http://www.unibratec.edu.br/tecnologus/wp-content/uploads/2012/08/tecnologus_edicao_06_artigo_02.pdf)

[www.](http://www.unibratec.edu.br)

[unibratec.edu.br](http://www.unibratec.edu.br)

[/tecnologus/wp-content/uploads/2012/08/tecnologus_edicao_06_artigo_02.p](http://www.unibratec.edu.br/tecnologus/wp-content/uploads/2012/08/tecnologus_edicao_06_artigo_02.pdf)

>

Acessado em: 20/06/2016. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cartografias do tempo escrita da história. In. Um historiador nas fronteiras: o Brasil de Sérgio B. São Paulo: Contexto, 2010. p. 7-12. Sandra Jatahy Pesavento (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. Bassanezi. Introdução. In. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Novos temas na História. São Paulo: Contexto, 2010. p. 7-12. NETO, José A. de Freitas. A transversalidade do ensino de História. In. KARNAL, Leandro (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2010. p. 57-74.

*Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás, atualmente é professor do curso de Licenciatura em História do Campo da Universidade Federal do Tocantins-Arariás e líder do Grupo de Estudos sobre Sertão

(GESPE). E-mail: george.coelho@hotmail.com

[1] O artigo dos autores está disponível em: < http://

www.

unibratec.edu.br

/tecnologus/wp-content/uploads/2012/08/tecnologus_edicao_06_artigo_02.pdf

>

Acessado em: 20/06/2016.

[2] Emmanuel Radnitski e nome de registro de Man Ray, artista nascido Filadélfia (EUA) em 1890 Segundo Marcelo Penha e Gentil Porto Filho, em 1912, Man Ray passou a demonstrar curiosidade materiais a pintura. Em 1915 conheceu Duchamp e passou a frequentar o grupo Dada em No fotografava suas telas e passou a dedicar-se cada vez mais aos estudos sobre ótica e química, at percebeu o valor da fotografia. Para criar efeitos em seus trabalhos fotográficos, Man Ray utilizava destaque para os fotogramas e a solarização. As técnicas utilizadas por Man Ray permitiam a c (fotogramas) e manipulação (solarização) de imagens.

[3] O artigo dessa autora está disponível em: <http://

bndigital.bn.br

/projetos/cartografia/cart_colonial.htm

|

>

Acessado em: 30/06/2016.

[4] Devido a questões técnicas não é possível inserir as imagens referentes a restauração. Na i mapas, poderíamos ver que as partes degradadas pelo tempo foram restauradas.

BIBLIOGRAFIA BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica.

Disponível em:

<http://

ideafixa.com

/wp-content/uploads/2008/10/texto_wbenjamim_a_arte_na_era_da_reprodutibilidade_tecnica.pdf

>

Acesso em: 26/04/2015 BITTENCOURT, Circe M. F. Ensino de História: fundamentos e métodos 2009. 408p. BLOCH, Marc. Apologia da História ou o ofício do Historiador. São Paulo: Zahar, 2 Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: História / Secr Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998. 108 p. CERRI, Luis Fernando. Ensino de história e consciê janeiro: Editora FGV, 2011. 138p. FARIA, Maria Dulce de. A Representação Cartográfica no Brasil Cc na Coleção da Biblioteca Nacional.

Disponível em:

<[http://
bndigital.bn.br
/projetos/cartografia/cart_colonial.htm](http://bndigital.bn.br/projetos/cartografia/cart_colonial.htm)

|
>

Acessado em: 30/06/2016. KARNAL, Leandro. Introdução. In. KARNAL, Leandro (org.). História conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2010. p. 7-16. MARTIN, Adriana Mônica. Re desenhos gráficos no claustro do convento de São Francisco, salvador, Bahia. Revista Brasileira Restauração e Conservação. Vol.1, No.3, pp. 118 – 121.

Disponível em:

< [http://
www.
restaurabr.org/siterestaurabr/volumesarc/arc03pdf/10_AdrianaMonicaMartin.pdf](http://www.restaurabr.org/siterestaurabr/volumesarc/arc03pdf/10_AdrianaMonicaMartin.pdf)

>

Acessado em 30/06/2016. MARTINS, Marcos Lobato. História Regional. In. PINSKY, Carla Bassane aulas de História. São Paulo: Contexto, 2010. p. 135-152 PENHA, Marcelo; PORTO FILHO, Ger imagens: a influência de Man Ray no Photoshop.

Disponível em:

< [http://
www.
unibratec.edu.br
/tecnologus/wp-content/uploads/2012/08/tecnologus_edicao_06_artigo_02.pdf](http://www.unibratec.edu.br/tecnologus/wp-content/uploads/2012/08/tecnologus_edicao_06_artigo_02.pdf)

>

Acessado em: 20/06/2016. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cartografias do tempo: palimpsestos na e Um historiador nas fronteiras: o Brasil de Sérgio Buarque de Holanda / Sandra Jatahy Pesavento (C Editora UFMG, 2005. p. 17-80 PINSKY, Carla Bassanezi. Introdução. In. PINSKY, Carla Bassanezi nas aulas de História. São Paulo: Contexto, 2010. p. 7-12 NETO, José A. de Freitas. A transversalidade ensino de História. In. KARNAL, Leandro (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e p Contexto, 2010. p. 57-74.

O artigo dos autores está disponível em: < [http://](http://www.unibratec.edu.br/tecnologus/wp-content/uploads/2012/08/tecnologus_edicao_06_artigo_02.pdf)

[www.
unibratec.edu.br
/tecnologus/wp-content/uploads/2012/08/tecnologus_edicao_06_artigo_02.pdf](http://www.unibratec.edu.br/tecnologus/wp-content/uploads/2012/08/tecnologus_edicao_06_artigo_02.pdf)

>

Acessado em: 20/06/2016. [1] Emmanuel Radnitski e nome de registro de Man Ray, artista nascido em 1890 e falecido em 1976. Segundo Marcelo Penha e Gentil Porto Filho, em 1912, Man Ray ficou curioso em aplicar outros materiais a pintura. Em 1915 conheceu Duchamp e passou a frequentar Nova York. Man Ray já fotografava suas telas e passou a dedicar-se cada vez mais aos estudos através destes estudos percebeu o valor da fotografia. Para criar efeitos em seus trabalhos frequentemente utilizava várias técnicas, com destaque para os fotogramas e a solarização. As técnicas utilizadas permitiam a criação de montagens (fotogramas) e manipulação (solarização) de imagens. [1] O artigo disponível em: <http://bndigital.bn.br/projetos/cartografia/cart_colonial.htm

|

>

Acessado em: 30/06/2016. [1] Devido a questões técnicas não é possível inserir as imagens referidas. Na comparação entre os mapas, poderíamos ver que as partes degradadas pelo tempo foram restauradas.

*Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás, atualmente é professor do curso de Licenciatura em Geografia do Campo da Universidade Federal do Tocantins-Araripe e líder do Grupo de Estudos sobre Sertão (GESPE). E-mail: george.coelho@hotmail.com

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 06/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlot

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: